**ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS: refletindo o método**

*Carla Manuella de Oliveira Santos[[1]](#footnote-1)*

**EIXO TEMÁTICO:** Participação das crianças em pesquisa e na gestão educacional.

**RESUMO**

Para efeito deste artigo, segue apontamentos do método etnográfico, fazendo uma reflexão metodológica do que permeia na prática etnográfica, compreendendo-a mediante o princípio da particularidade de investigar o que não está posto em qualquer lugar. Em seguida é apresentado um ensaio de aproximação com o método etnográfico na pesquisa com crianças em espaço institucional de educação. Este artigo tem como objetivo delinear as especificidades que envolvem os estudos etnográficos com crianças. Para atender a esse objetivo, de início foi priorizado apontamentos sobre o método etnográfico, situando as particularidades que envolvem a pesquisa etnográfica, apresentando os termos e especificidades para estar em campo, a partir dos estudos de Malinowski (1976), Geertz (2005 e 2001), Clifford (2011), Woods (1999) e Oliveira (2006). No segundo momento, abordamos o método etnográfico, a partir dos estudos realizados com crianças pequenas, com intuito de situar os elementos específicos que demandam o fazer pesquisa etnográfica com crianças, para assim, apresentar mediante coleta etnográfica em espaço institucional de Educação Infantil e Ensino Fundamental, no município de Pão de Açúcar/AL, dados de coletas provenientes da observação e registro escrito das brincadeiras de faz de conta de crianças de 3 a 7 anos de idade, ancorado a observação e coleta no caminho trilhado por Corsaro (2005), como exemplo de estratégia etnográfica de estudo com crianças. Para discorrer tal caminho, optamos por dialogar com outros estudos: Bussab e Santos (2009), Tassinari (2011), Graue e Walsh (2003), que também ilustram estratégias etnográficas de estudos com crianças pequenas. Como resultado, a brincadeira de faz de conta concebe a apreensão dos significados, onde as crianças apresentam o modo como dão sentido para os fatos das suas vidas, e como elas próprias interpretam as suas experiências. Observa o protagonismo infantil, a criança vista como ser de relações, também, como ser criativo, que tem o poder e assim produz e apropria-se da cultura. Nas brincadeiras as crianças compartilham interesses e ideias, vivenciando papéis e tentando por sua vez entrar naquilo que o outro está fazendo, vivenciando processo de apreensão criativo.

**Palavras-chaves:** Etnografia, Brincadeiras, Adulto, Criança, Infância.

**INTRODUÇÃO**

Discorrer sobre a investigação etnográfica com crianças requer um olhar investigativo para um campo de estudo, onde a criança passa ser compreendida e situada na sociedade como sujeito de direito, humano capaz, produto e produtor de cultura, que a todo tempo estabelece relações com o meio social no qual está inserido. Nesse sentido, Vasconcellos (2007, p. 10), assinala que:

Reconhecemos as crianças e suas relações sociais observando-as, transitando pelos diversos discursos por elas adotados. Refletimos sobre eles e as percebemos como sujeitos do conhecimento e, portanto, em condições de atuar criticamente nos modos de pensar e de produzir lugares para elas próprias.

Observa-se a predominância de uma sociedade adultocêntrica, marcada por desigualdades de ordem diversas que atingem as crianças pequenas. A partir dessa perspectiva, Tassinari (2011, p. 5), informa-nos:

[...] os estudos da infância vêm apontando para o que chamam de viés “adultocêntrico” de nossas ciências, que não têm considerado as visões e ações e infantis como relevantes, ainda que os desejos e necessidades das crianças mobilizem boa parte das economias nacionais. Os estudos da infância têm questionado a universalidade dessa abordagem adultocêntrica, fruto de concepções culturais de que as crianças sabem menos, vivem num mundo fantasioso, não estão preparadas e não têm a contribuir para as questões “sérias” da realidade.

Apesar desse viés adultocêntrico latente na sociedade, outros contextos sociais sinalizam que essa condição infantil não é universal, indicando outras vivências e possibilidades da infância, fato este advindo das contribuições da Sociologia e Antropologia da Criança, a exemplo dos estudos de Etnologia Indígena.

**ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS**

Um estudo etnográfico envolve o pesquisador em um universo que é necessário transpor para investigação uma linguagem que caracterize a prática etnográfica, envolvendo a ação de direcionar o olhar e o ouvir para o local pesquisado, indo além dos fatos. Nesse sentido, cabe atentar para definição antropológica de cultura, de acordo com Malinowski (1976), a cultura é compreendida como conjunto das formas adquiridas de comportamento nas sociedades humanas.

Nessa direção Geertz (2001, p. 4), aponta que é fundamental compreendermos o conceito de cultura, defendendo-o como essencialmente semiótico, “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como sendo uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Para o autor, tudo que o ser humano faz, ao fazer ele atribui um significado.

Um caminho de pesquisa, onde o objeto que será conhecido é localizado em um contexto onde as produções dos discursos advêm das relações pessoais, assim, a experiência etnográfica tornam-se narrativas. Na prática etnográfica faz-se necessário atentar para especificidades do grupo, ponderando o que vai ver e ouvir (registrar, observar). De acordo com Woods (1999) é importante focalizar nas realidades pessoais, para compreensão do “objeto” investigado, passo importante tanto para escolha e orientação da investigação, como para o investigador.

Woods (1999) apresentar-nos o interacionismo simbólico, a partir da atuação do pesquisador, no sentido de conduzir a interpretação e organização dos significados, essa perspectiva proporcionam contribuições importantes para compreensão do funcionamento da sociedade e da educação. A partir do interacionismo simbólico, o pesquisador realiza um exercício de colocar-se no papel do outro, pois, concentra-se no processo, uma vez que envolve um estudo do cotidiano.

O *olhar*, o *ouvir* e o *escrever* são descritos por Oliveira (2006), como termos próprios na elaboração do conhecimento das disciplinas sociais, chama-nos atenção para o *olhar*, o *ouvir* e o *escrever*, como elementos constituintes de três etapas fundamentais para o processo de apreensão dos fenômenos sociais. Em consonância com as especificidades da pesquisa etnográfica, as três etapas são indispensáveis, uma vez que a diversidade que constitui o espaço a ser investigado possibilita refletir sobre as relações sociais de um determinado grupo.

Para pesquisar um grupo infantil é importante reconhecer o grupo de crianças, com capacidade de autonomia;

[...] quando as crianças reconhecem que têm a capacidade de produzir seu próprio mundo partilhado sem depender diretamente dos adultos, transformando-se a própria natureza do processo de socialização. Nunca mais predomina o relacionamento assimétrico entre adultos e crianças. As crianças começam de modo rotineiro a socializar-se umas com às outras e aportes e experiências do mundo adulto são interpretados em função das rotinas de uma cultura de pares de complexidade e autonomia crescentes. (CORSARO, 2005, p. 131).

Ao trabalharmos com pesquisa etnográfica realizarmos uma compreensão dos significados de um grupo, aqui em especial de um grupo de crianças, isto é um convite para trabalhar com a pluralidade. Assim, como explicou Geertz (2001), não é uma proposta “qualquer” de uma teoria geral a respeito de “qualquer” situação social, e, sim, o fazer apreensão dos significados de um grupo.

**EXERCÍCIO DE APROXIMAÇÃO**

O desenvolvimento dessa etnografia aconteceu em uma instituição educacional pública de Educação Infantil e Ensino Fundamental, localizada no município de Pão de Açúcar, sertão alagoano, priorizando crianças na faixa etária de 3 a 8 anos, com o objetivo de compreender a importância da brincadeira (faz de conta) para a criança, como forma de inserção, apropriação e produção cultural.

A escolha desse espaço foi estabelecida devido uma experiência profissional, ao acompanhar os alunos do Curso de Pedagogia no Estágio Supervisionado. Optei por realizar o registro das brincadeiras de faz de conta das crianças no momento do lanche (definido na instituição como: recreio).

Esse exercício etnográfico conforme Corsaro (2005), aponta a importância da imersão do pesquisador no contexto, permitindo a compreensão do que está sendo estudado. Durante os dias de observação realizei levantamentos com as professoras do “maternal II” da Educação Infantil e do “1º ano A” do Ensino Fundamental, para conhecer o grupo. Possibilitando obter informações sobre o nome das crianças e características do grupo. Durante as conversas com às professoras, as crianças do primeiro ano, sempre falavam comigo, exemplos: “Oi, tia!”; “eu já vi você aqui outro dia”. No grupo etário menor, as crianças, também, falavam comigo e sempre era um: “Oi, tia!”, acompanhado de abraços e davam boas-vindas.

Os registros das brincadeiras começaram a partir do terceiro dia, pois, para iniciar o período de olhar e atentar para as brincadeiras de faz de conta das crianças era preciso ter proximidade. Nos primeiros dias de observação, elas ficavam inibidas com o meu olhar e não desenvolviam os enredos das brincadeiras, então, passei a circular no horário do recreio, olhando os locais que as crianças dos grupos já definidos para ser observado gostavam de brincar. As observações das brincadeiras foram feitas em um diário de anotações. Nomeei os registros por episódios, especificando-os a partir do enredo desenvolvido pelas crianças para a brincadeira.

Episódio: Policial e ladrão

Durante outros dias de observação, esse grupo sempre era ativo e bem parceiro. Participaram da brincadeira quatro crianças, na faixa etária de 6 e 7 anos, todos meninos e receberam nomes fictícios de: Luiz, Adrian, Mario e Anderson. O enredo inicia quando às crianças observadas saíram da sala dialogando e concentram-se no pátio da escola. E se deu a seguinte organização: os meninos se sentaram próximo uma à parede e Marx e Anderson saíram correndo. Os outros dois, Adrian e Luiz continuaram sentados e estabelecem o diálogo iniciado por Adrian, este propõe uma temática para brincadeira de policial e ladrão, o diálogo deles:

**Adrian*:*** *– Ei! Vamos brincar de policial e ladrão? Eu sou o “policial!*

**Luiz*:*** *– Eu sou o ladrão!*

**Adrian:** *– Está certo! E você vai assaltar um velhinho. Topa ser o velhinho Marx?*

**Marx**: *– E como é um velhinho?*

**Adrian:** *– Você tem que andar envergado com uma bengala.*

**Marx**: *– E onde vou encontrar uma bengala?*

**Adrian:** *– Você faz de conta que está segurando.*

**Anderson**: *– E eu vou ser o quê?*

**Adrian**: – *Você...* (pausa na fala e fica pensando...)

**Luiz:** *– Já sei! Você pode ser o cara que vai ligar para a polícia. E avisar o assalto.*

**Anderson:** *– Está certo.*

**Adrian:** *– Vamos começar, assim, o velhinho vem andando pela rua e de repente o ladrão chega e diz: – isso é um assalto! Passa o dinheiro! E daí vem o cara e liga para polícia e a polícia vem e prende.*

E a brincadeira do faz de conta ocorreu exatamente como eles combinaram. Marx se levantou e foi para uma pequena distância, envergou-se, fingindo usar uma bengala. Luiz Felipe disfarça está escondido e com a mão aparentando ser um revólver e grita:

**Luiz:** *– Isso é um assalto! “Me” passe o dinheiro!*

Anderson, encenando, aparece passando perto e presencia o assalto, imediatamente usa os dedos em forma de um celular e fala:

**Anderson:** *– Alô? É da polícia? Tem um ladrão roubando um velhinho, socorro! Socorro!*

Adrian aparece em cena e prende o ladrão com o cadarço do tênis, fingindo ser uma algema.

Eles saem com o ladrão... Planejando outro enredo, mas o sinal informando o final do recreio soa.

**Adrian**: *– “deu” certo, eu te algemei. Amanhã, a gente brinca mais.*

No percurso até a sala, eles riem muito, afirmando deu certo, falam da ideia do cadarço.

**Luiz*:*** *- massa a algema de cadarço*. (demonstrando satisfação com o desfecho).

Nesse episódio, foi estabelecido uma brincadeira de faz de conta e, nessa perspectiva, a brincadeira é vista como cultura ou ligada a ela, informando, ou, refletindo até mesmo uma história social. Sendo verificado, um enredo atrelado ao contexto social das crianças, produzindo ações representativas impulsionadas pela imaginação e raciocínio, por exemplo, no uso do cadarço para algemas. Além, da função representativa em termos da função simbólica, como ação e transformação da realidade, uma vez que foram organizadas cada uma das funções a serem desempenhadas: o Marx sendo o velhinho, o Luiz o ladrão, o Anderson quem faz denuncia do assalto e Adrian no papel de policial. Ao que parece, o cadarço e ações desempenhadas por Adrian e demais artefatos imaginários foram interessantes para o grupo como um todo. Destaca-se, também medidas que são tomadas socialmente, fato este observado na compreensão expressa por Marx, ao algemar o assaltante, informando ao parceiro de brincadeira, que deu certo.

Episódio: Mães e Filhas

Participaram da brincadeira duas meninas de três anos de idade; estas receberam os seguintes nomes fictícios: Elayne e Gabriela. As meninas levavam consigo para o recreio, duas bonecas e dois tecidos (fraldas). No pátio às meninas ficam sentadas e começam a fazer movimentos, como se estivessem banhando as bonecas.

**Elayne**: dizia à filha (boneca): *- Tem que lavar bem direitinho o peitinho, o “pipi” bem limpinho. Né filha?*

Enquanto isso, Gabriela, também banhava uma boneca. Mas falava bem baixinho.

**Elayne:** *- Vamos ficar grávidas?*

Elas deixam as bonecas de lado e dizem que estão grávidas, para isso, pegam o tecido (fralda) e põe embaixo da blusa.

**Gabriela:** *- Nossa! Como você está bonita grávida!*

**Elayne:** *- “Brigada!” Você também “tá!”.*

**Elayne:** *- Vamos para feira comprar comidinha?*

**Gabriela:** *- Não, já vou ter meu bebê! Ele vai nascer.*

**Elayne:** *- Agora não!* (Expressa não ter gostado da ideia).

Logo, as duas têm os bebês, puxando rapidamente a fralda que estava por baixo de suas roupas. Elayne diz que vai para feira sozinha e Gabriela vai ficar em casa, cuidando das filhas. Então, Elayne volta com pedras e folhas verdes, dizendo que era comidinha e chá. (Pegou na área descoberta da escola).

As meninas pegam as bonecas e colocam no colo, beijando muito.

**Elayne:** *- Elas precisam de carinho. Estão doentes.*

**Elayne:** *- vamos tomar remedinho, pra ficar boa? -Não chore é bem docinho, tá?*

Utilizou à folha verde para ser o remédio.Após esse diálogo, elas colocam as filhas para dormir. Ficam andando de um lado para outro com as bonecas no braço, cantarolando... (não é possível entender, apenas balbuciam). Colocam a boneca no chão e dizem que dormiram. Gabriela vai arrumar a casa, cantarolando. Dessa vez, para varrer a casa e limpar utilizou o tecido (fralda).

**Gabriela:** *- Essa fralda é minha vassoura.*

Depois que terminou de cantarolar. Gabriela passou a limpar em um tom autoritário.

**Gabriela:** *- Saia do meio, eu “tô” “barrendo” a casa!*

A brincadeira termina, porque o sinal sonoro informa que o recreio acabou. Elas recolhem o que organizaram na casa e saem correndo.

Nesse episódio de brincadeira de faz de conta, as meninas concebem a apreensão dos significados do que vive, o modo como dão sentido para os fatos das suas vidas, como elas próprias interpretam as suas experiências nas relações de parentesco. Na brincadeira ao assumir os papeis de mãe e de grávidas, Elayne e Gabriela compartilham interesses e ideias, vivenciando e aprendendo criativamente. Os objetos e artefatos que utilizam para a brincadeira proporcionam, segundo Corsaro uma dinâmica com processos próprios da cultura infantil, com ações e sentidos que advém da relação de pares que as crianças estabelecem. De acordo, com Redin (2009, p. 120) “o faz de conta, como habilidade das crianças mais novas, é o campo privilegiado para a criação.” Observa-se, nas ações de Elayne, ao dizer que estão grávidas e, também, ao oferecer o remédio para filha, o poder criativo. Fato este, também, desenvolvido pela Gabriela, comprando alimentos na feira e usando do tecido (fralda) para limpar a casa, assim, o brincar sendo protagonizado como ato de criação.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos episódios as crianças compartilham interesses e ideias, vivenciando papéis e, tentando, por sua vez participar naquilo que o outro está fazendo, processo de apreensão criativo, momento em que estabelecem estratégias e cautelosamente de forma espontânea elaboram uma brincadeira, que tem o enredo marcado por uma situação, possivelmente, atrelada ao contexto social em que vivem.

De acordo, com Guaue e Walsh (2003), as crianças criam significados em culturas de pares, pois, para o universo infantil, o significado só pode ser compreendido em contexto. Isso significa, às crianças em processo de apreensão, orientando-se por entre sistemas e significados das suas culturas. Este fato foi delineado nas ações desenvolvidas nos episódios, pois, as crianças operam em termos de crenças, valores e, a partir de referências que são partilhadas no cotidiano que estas vivem. Nesse sentido, o exercício da etnografia com crianças apresentou as particularidades do método e um olhar para o que é específico da brincadeira infantil.

**REFERÊNCIAS**

CORSARO, William A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educ. Soc*.*vol.26, no.91, p.443-464. 2005.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica:**antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

Graue, Elisabeth.; Walsh, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças:** teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_\_. **Nova Luz Sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_\_. **O Saber Local.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental*.*** São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana M. A. **Teoria e Prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

REDIN, Marita M. Crianças e suas culturas singulares. In: Teoria e Prática na pesquisa com **crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 115-126.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

TASSINARI, Antonella. O que as crianças têm a ensinar a seus professores? Contribuições a partir da Antropologia. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 130, p. 1-20, 2011.

VASCONCELOS, Vera M. R de; SARMENTO, Manuel J. (org.). **Infância (In) visível**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2007.

WOODS, Peter. **Investigar a Arte de Ensinar**. Porto: Porto Editora, 2009.

1. Pedagoga (UFAL), Mestre em Educação (UFAL), Doutora em Educação (UFAL). Professora Adjunta da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Santana do Ipanema, Brasil. Contato: carla.olliveira@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-1)